

---

# DAS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA POPULAR E AS BENZEDEIRAS\*

---

GILSON XAVIER DE AZEVEDO\*\*

*Resumo: o objetivo desse artigo é refletir sobre a figura das benzedei­ras dentro dos contextos nos quais esta prática encontra-se enraizada. Em um primeiro momento, entre a cultura popular e a cultura erudita, considerando a benzedeira como representante de uma cultura essencialmente popular em detrimento de uma cultura religiosa oficial. Em um segundo momento, discutir a figura da benzedeira enquanto uma ideia de ser religioso situado entre a religião popular e a medicina alternativa. E, em terceiro momento, discutir rapidamente, a relação entre as culturas populares e a benzedeira como manifestação de tais culturas dentro da relação benzeção e medicina popular. O artigo busca em referências bibliográficas situar um discurso dissertativo que faz aproximações teóricas procurando localizar a figura proposta, de modo que o método pode ser caracterizado como dedutivo exploratório*

*Palavras-chave: Cultura Popular. Cultura Religiosa. Benzedei­ras.*

**E** estudar o caso das benzedei­ras é pensar antes, o contexto em que estão inseridas. Desse modo, serão tratados a seguir, os contextos da cultura popular e erudita, a religião e o catolicismo popular e em seguida, será lançado um olhar sobre a relação entre as benzedei­ras e sua prática popular medicinal.

## A CULTURA POPULAR E A CULTURA ERUDITA

Proponho pensar o conceito de cultura enquanto grande área deste tópico e também, situar alguns discursos dentro desse escopo e do universo polissêmico que o tema demanda. Neste sentido, para Cuche (1999) existem culturas dominantes e dominadas, mas

---

\* Recebido em: 20.05.2016. Aprovado em: 15.06.2016.

\*\* Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Professor Titular de Filosofia do Direito e Filosofia Empresarial na FAQUI. Professor Efetivo da UEG. E-mail: gilsoneduc@yahoo.com.br.

isso não muda o fato de serem culturas, pois toda cultura está baseada em valores que possibilitam um sentido coletivo e existencial a um determinado grupo.

Neste sentido, para Cuche (1999) mesmo dominada, é uma “cultura inteira”, baseada em valores originais que dão sentido à sua existência, construindo-se na história das relações entre os grupos sociais e na relação, na maioria das vezes, conflitiva, tensa e violenta, com outras culturas.

Seja qual for a manifestação humana, essa tenderá a ser vista como manifestação cultural. Segundo Bakhtin (2010) na Idade Média, as manifestações dessa cultura da medicina popular podem subdividir-se em três grandes categorias:

- Formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.);
- Obras cômicas verbais (inclusive as paródicas) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar;
- Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro (insultos, juramentos, blasfêmias populares, etc.).

Desse modo, a cultura popular em seu surgimento europeu, nasce de uma mistura do erudito (da cultura construída entre os nobres) e do popular (as formas de manifestação entre as classes mais pobres). Para Ortiz (1985) a fronteira entre cultura popular e cultura de elite não estava bem delimitada, porque a nobreza participava das crenças religiosas, das superstições e dos jogos realizados pelas camadas subalternas.

Todavia, segundo Bakhtin (2010) uma concepção estreita do caráter popular e do folclore, nascida na época pré-romântica e concluída essencialmente pelos românticos, exclui quase totalmente a cultura específica da praça pública e também o humor popular em toda a riqueza das suas manifestações. O que se percebe são grandes distanciamentos entre eruditos e populares em todas as áreas da sociedade europeia.

Desse modo, nota-se certa dualidade entre as culturas estabelecidas na Idade Média, quando os festejos e os folclores dos povos primitivos estão agregados aos cultos organizados.

Em tal contexto, para definir e situar cultura, é preciso mencionar antes que cultura pode assumir caráter individualizado como é o caso da “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola” e “cultura de células”. Sendo assim, Cuche, (2002) situa a noção de cultura como vinda da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim cultura, tendo significados como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração.

Até o século XVI, o termo era utilizado para se referir a uma ação no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com os animais ou com o crescimento da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada. Já nos séculos XVIII e XIX, o valor semântico que o termo adquire relaciona-se ao período de consolidação do uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos. Expressões como “cultura das artes”, “cultura das letras” e “cultura das ciências” demonstram que o termo era, então, utilizado seguido de um complemento, no sentido de explicitar o assunto que estava sendo cultivado.

Nota-se, portanto, que a Cultura no contexto europeu medieval seria a “soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 2002, p. 21). Ou seja, quem detinha a cultura e era considerado possuidor de cultura, os indivíduos detentores do saber formal.

Por sua vez a visão alemã que se formou no em torno da noção francesa traz o termo cultura como “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem

o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (CUCHE, 2002, p. 28).

Outro pesquisador europeu que irá influenciar na construção do conceito de cultura é Franz Boas que em suas pesquisas concluiu que a diferença fundamental entre os grupos humanos era de ordem cultural e não racial ou determinada pelo ambiente físico (LARAIA, 2006).

Dentro do exposto é possível observar três modos de situar a cultura dentro do processo histórico de sua formação: Cultura como expressão da coletividade, das práticas dessa coletividade e como forma de desenvolvimento do indivíduo.

Nesse sentido, para entender a passagem de cultura popular e erudita (ou de elite) para a ideia de religião popular, é preciso dizer que segundo Canclini (1989, p. 206) a história do popular sempre foi relacionada com a história dos pobres, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado.

Dentro deste contexto de cultura do pobre e do afastado da cultura dita erudita, existe uma enorme quantidade de elementos que se mesclam a tal cultura, tais como a religião e as práticas religiosas populares, a medicina e as práticas medicinais, práticas alimentares, de arte, de divertimento. Assim, tem-se “a ideia de ‘cultura popular’ ter sido inventada, sendo progressivamente lapidada pelos diferentes grupos intelectuais” (ORTIZ, 1992, p. 6).

## RELIGIÃO POPULAR E MEDICINA ALTERNATIVA

Conforme se indicou na finalização do tópico anterior, a cultura popular surge em um contexto de afastamento da cultura de elite ou oficial. Neste sentido, para Satriani (1986) quando se propõe estudar a cultura de qualquer sociedade é indispensável levar em consideração as distinções de classe, sendo que o folclore, neste contexto, mostra-se como cultura das classes subalternas, não oficial, não erudito e não pertencente à elite.

Nesse sentido, a cultura popular se exterioriza em grande parte através de festas e tradições folclórico-religiosas. Os eventos religiosos populares são ocasião para o pagamento de promessas, pedidos de curas, peregrinações e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares.

Desse modo, segundo Droogers e Siebers (1991) a religião popular é definida em contraste com a religião oficial quase sempre fazendo-se referências à dimensão do poder exercido a partir da religião oficial sobre a religião popular. Em sua forma popular, a religião influencia e é influenciada pela sociedade e pela cultura. A noção de hábitos desenvolvida por Bourdieu (1998) permite observar as experiências acumuladas no passado, condicionadas pela estrutura social. Para ambos, o poder se relaciona ao acesso a produtos escassos e o contato com o mundo dos deuses e dos espíritos pode se tornar uma fonte de poder.

Nesse contexto, a religião aparece para Bourdieu (1998) como um elemento místico, um fenômeno social, uma necessidade, uma condição de agregação. Pode-se dizer que a religião seria esse conjunto de práticas e representações revestidas de modo complexo dentro da perspectiva do caráter sagrado.

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho e à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a

condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e do reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das crenças e práticas religiosa (BOURDIEU, 1998, p. 34).

Ainda para Bourdieu (1998), a religião integra o mundo natural e o social, formando um cosmos, um todo também complexo, mas organizado, onde se insere o sujeito religioso ou objeto do sagrado. Assim a religião seria:

[...] um sistema de práticas e crenças que está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de uma religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada nas estruturas das relações de força simbólica, ou seja, no sistema de relações entre os sistemas de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada (BOURDIEU, 1998, p. 43).

Toda religião exerce uma função psicológica quando contribui para a salvação psicossocial do ser humano de questões relacionadas à morte, sentido de bem e mal, de onde surgiu ou para onde caminha este ser.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes [...]. Assim, as teodicéias são sempre sociodicéias (BOURDIEU, 1998, p. 48).

Dentro do conjunto exposto Droogers e Siebers (1991, p. 20-21) mostram que dentro do campo religioso, a expressão “popular” é usada pelo menos em dois sentidos, sendo que o primeiro se refere às pessoas que não pertencem ao grupo dos especialistas da religião, ou seja, ao clero, ao sacerdócio, estando relacionado ao chamado catolicismo popular. Para as religiões afro-brasileiras e nas igrejas pentecostais, onde a religião popular não estaria relacionada a uma forma erudita, a conotação popular se refere ao sentido de grupos dominados na sociedade, especialmente nas relações entre as classes sociais e tem sido vista como uma fonte de resistência e de liberação.

As formas populares de religião são consideradas como de menor prestígio na sociedade sendo entendidas em muitos casos, de forma descontextualizada. Satriani (1989, p. 55) define a religião popular como a “religião das classes subalternas de determinada sociedade”. Segundo Droogers e Siebers (1991, p. 19) os excluídos na produção econômica são muito produtivos na área religiosa. Tendo em vista a dificuldade em se definir o conceito de popular, Montoya (1989, p. 81) por sua vez, propõe uma substituição da ideia de religiosidade popular por religiosidade tradicional. Para a Igreja Católica (DROOGERS; SIEBERS, 1991, p. 21) a religiosidade popular é considerada como inculturação ou enraizamento da religião na cultura local. Segundo Helcion Ribeiro (1985), a religiosidade popular latino-americana tem um fundamento histórico-católico, com forte influência indígena, com elementos como o messianismo e influências cósmicas e africanas, que acentua entre outros elementos a festividade, a música e o culto aos antepassados.

Toda a religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária, a fim de não fragmentar-se em Igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multidão de religiões distintas, freqüentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo (GRAMSCI, 1981, p. 144).

Feito o exposto, nota-se que a ideia de religião e religião popular, sofrem modificações não conforme o eixo da religião, mas antes, sobre os eixos econômico e da cultura. Neste tocante, as formas religiosas que emergem de um complexo contexto social estão quase sempre muito bem arraigadas a este contexto, como é o caso das benzeções e da medicina popular, das quais se vai falar a seguir.

## BENZEÇÃO E MEDICINA POPULAR

Conforme se indicou acima, a definição de cultura popular dentro do viés religiosidade não é de um todo simples de ser conceituado devidamente. Para (LEMOS, 2006, p. 2):

A multiplicidade de pesquisas que tem surgido nas últimas décadas, sobre temas relacionados com o fenômeno religioso tem evidenciado a complexidade dos diversos conceitos com os quais se trabalha. Religião, igreja, religiões, igrejas, religiosidade, religião popular, religiosidade popular, catolicismo popular são termos utilizados, algumas vezes sem muita precisão de significado (LEMOS, 2006, p. 2)

Neste sentido, Parker (1996, p. 42, 49) sinaliza que a religião popular seria a manifestação da mentalidade coletiva sujeita às influências de um processo de modernização capitalista e de suas manifestações na urbanização, na industrialização, na escolarização e nas mudanças nas estruturas produtivas e culturais.

De mesmo modo se pode na fala anterior conectar a fala de (LEMOS, 2006, p. 43):

Nas práticas de religiosidade popular, às expressões da cultura popular se acrescentam dimensões de sagrado. As expressões culturais, acrescidas do sagrado, constituem-se uma força que alimenta nos membros das comunidades uma postura digna perante a própria vida e a sociedade. Isso porque lhes fornece um sentido aos fatos cotidianos nos diversos campos da vida (LEMOS, 2006, p. 43).

Deste modo, nota-se que a cultura popular está presente em todo o cotidiano humano, regiões, microrregiões e metrópoles mesclando-se às práticas culturais, religiosas e míticas vigentes; é ela que contribui para a elaboração e a manutenção do sentido simbólico das práticas cotidianas das pessoas.

Dentre essas práticas, pretende-se contextualizar aqui as práticas religiosas populares das benzedeadas. O fenômeno da benzeção e seus muitos nomes surgem em um contexto popular de pequenos rituais praticados por pais, avós, tios, amigos, curandeiros e pagés. Se numerosos são os tipos de benzeção, também variam as modalidades de benzedeadas.

Existem várias modalidades religiosas de benzedadeiras, entre as quais estão: católica, crente, kardecista, umbandista e esotérica. As variações entre essas modalidades de benzedadeiras são significativas, vão desde o modo como elas se definem e se apresentam para a clientela, o tipo de clientela, a utilização dos recursos terapêuticos, até à questão da remuneração profissional (LEMOS, 2010, p. 9).

De mesmo modo são numerosas as razões que levam as pessoas a pedirem uma benzeção de alguém.

Problemas conjugais e afetivos; mães preocupadas com os estudos dos filhos ou a sua moral; homens com problemas nos negócios, doenças, cobreiros, problemas no emprego ou desempregados; pessoas com conflitos familiares, profissionais ou vícios; estudantes em vésperas de exames; pessoas com problemas de saúde e outros (LEMOS, 2010, p. 9).

Dentro das formas, das práticas e dos motivos da benzeção, para Oliveira (1995, p. 7) as benzedadeiras indicam banhos, massagens, pastas de maizena, chás aos clientes que as procuram, ou mesmo fazem uma oração dentre outros “atos concretos e cotidianamente vividos [...] cristalizados em hábitos, costumes e tradições”. Neste contexto, para Lemos (2010, p. 14):

A benzeção realiza um dos momentos mais importantes da medicina popular. Nela, os artifícios e estratégias do saber popular, criados e recriados pela cultura popular rural, com os conhecimentos sobre plantas, banhos, receitas, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, suadouros, garrafadas, medicamentos caseiros e às vezes até mesmo industrializados, se corporificam nas concepções terapêuticas da benzedeira (LEMOS, 2010, p. 14)

Assim, o lugar que a benzedeira ocupa é central dentro das tradições populares e da medicina popular. Neste tocante, ainda para Lemos (2010, p. 14):

Pelo fato de situar-se entre o espaço da medicina popular e o espaço religioso, a benzedeira ocupa-se com os problemas reais e práticos da vida das pessoas, por isso sua presença dá força e segurança à comunidade. As pessoas recorrem a ela porque confiam em suas habilidades, seus conhecimentos relacionados à medicina caseira, e por isso acessível, e a outros setores de seu cotidiano. Em outras palavras, a eficácia da benzedura se dá em grande parte porque essa se insere no quadro dos saberes designados pela sociologia como saberes do senso comum, do conhecimento próprio da realidade de todo dia (LEMOS, 2010, p. 14).

Assim, ao abordar a relação entre benzedadeiras, benzições e medicina popular, pode-se entrever que ambas estão inseridas em nosso cotidiano e cultura, desde há muito tempo, de modo que seu estudo merece a cientificidade metodológica que uma pesquisa de campo exige, conforme se vai expor abaixo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da benzedeira sob o prisma das Ciências da Religião é algo extremamente atual dada a relevância do número de crenças que as culturas e catolicismo populares fazem

surgir no seio das manifestações conectadas à ideia de cura e religião enquanto similares. Assim, após analisar ainda que brevemente a questão das benzedeiros sob os vieses Cultura, Catolicismo e religião popular, pode-se entrever que este é um tema promissor que merece atenção de cientistas da religião e carece que mais pesquisas elucidem tais relações e sua relevância para a sociedade hodierna.

## RELATIONS BETWEEN THE POPULAR CULTURE AND HEALERS

*Abstract: the purpose of this article is to reflect on the figure of healers within the contexts in which it is embedded, namely between popular culture and high culture considering the healer as a representative of an essentially popular culture at the expense of an official religious culture, then the figure of the healer while a religious idea of being situated between popular religion and alternative medicine, and third the brief relationship between the healer and popular cultures as a manifestation of such cultures within the relationship benzoin and folk medicine. The article seeks bibliographical references dissertated site a discourse that makes theoretical approaches trying to locate the figure proposed, so that the method can be characterized as exploratory deductive.*

*Keywords: Popular Culture. Religious Culture. Healers.*

### Referências

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2004.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1989.

CUCHE, D. *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DROOGERS, A.; SIEBERS, H. *Popular religion and power in Latin America: an introduction*. In: DROOGERS, A.; HUIZIER, G.; SIEBERS, H. (Eds). *Popular Power in Latin American Religions*. Florida: Verlag Breitenbach Publishers, 1991. p 1-25.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEMONS, Carolina Teles (Org.). *Coleção Religião e Cotidiano*. Goiânia: Descubra, 2006. V. I, II, III.

\_\_\_\_\_. *O perfil de uma benzedeira: aliança entre chás, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa*. In: AUGUSTO, A. M. (Coord.). *Ainda o Sagrado Selvagem*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. p. 302-320.

Disponível em: <[http://www.pucgoias.edu.br/ucg/eventos/semana\\_ciencia\\_tecnologia/Programacao/XI%20F%3%93RUM%20DE%20PESQUISA%20E%20P%3%93S-](http://www.pucgoias.edu.br/ucg/eventos/semana_ciencia_tecnologia/Programacao/XI%20F%3%93RUM%20DE%20PESQUISA%20E%20P%3%93S-)

-GRADUA%C3%87%C3%83O%20-%20DIA%2021.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2014.

ORTIZ, R. *Românticos e folcloristas*. Cultura Popular. São Paulo: Olho D'Água, 1992.

PARKER, C. *Religião Popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Atílio Bruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.

SATRIANI, L. L. *Antropologia Cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Hucitec, 1986.